



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA**

LUANA ROCHA MARQUES

**OS CONTOS DE FADA NA CRIAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE FEMINILIDADE:
ANÁLISE DO FIGURINO DA PRINCESA MERIDA DO FILME VALENTE (2012)**

FORTALEZA

2019

LUANA ROCHA MARQUES

OS CONTOS DE FADA NA CRIAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE FEMINILIDADE:
ANÁLISE DO FIGURINO DA PRINCESA MERIDA DO FILME VALENTE (2012)

Monografia sobre os contos de fada na criação de estereótipos de feminilidade: análise do figurino da princesa Merida do filme valente (2012). Apresentado com requisito para conclusão do Curso Design-Moda – Instituto de Cultura e Arte.

Orientador: Prof. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M319c Marques, Luana Rocha.

Os contos de fada na criação de estereótipos de feminilidade: análise do figurino da princesa Merida do filme valente (2012) / Luana Rocha Marques. – 2019.
52 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

1. Gênero. 2. Feminilidade. 3. Filmes. 4. Princesas. I. Título.

CDD 391

LUANA ROCHA MARQUES

OS CONTOS DE FADA NA CRIAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE FEMINILIDADE:
ANÁLISE DO FIGURINO DA PRÍNCESA MERIDA DO FILME VALENTE (2012)

Monografia sobre os contos de fada na criação de estereótipos de feminilidade: análise do figurino da princesa Merida do filme valente (2012). Apresentado com requisito para conclusão do Curso Design-Moda – Instituto de Cultura e Arte.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Cyntia Tavares Marques de Queiroz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ma. Patrícia Montenegro Matos Albuquerque
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A minha família, por sempre me apoiarem em todos os momentos da minha vida, amo vocês.

AGRADECIMENTOS

A minha família, minha mãe Maria, meu pai Olimpio e meu irmão Jailson que me apoiaram e suportaram todas as crises que tive durante todo o percurso de escrita deste trabalho.

Em especial ao meu irmão que mesmo estando na correria do seu próprio TCC, se disponibilizou a tirar minhas dúvidas sobre o meu, a você dedico meus sinceros agradecimentos.

E a vocês Karine e Humberlline por serem meu refúgio nos momentos de desespero, amo vocês.

E a você Isabella que mesmo sem saber me ajudou tanto assistindo e comentando a todos os filmes das princesas.

A minha orientadora Francisca que esteve comigo desde o início quando eu nem sabia o que era um artigo científico. Obrigada por todas as revisões, conselhos e acompanhamentos, mas principalmente por acreditar no meu potencial.

A professora Emanuely Kelly, por seu apoio e auxílio em vários momentos da minha jornada acadêmica e deste trabalho.

A Jordânia e Aleson, por tudo.

Aos amigos, em especial a Vitória e Bruno por me encorajarem em todos os momentos.

“Alguns dizem que o destino, está além do nosso controle. Que não escolhemos nossa sina. Mas eu sei a verdade. Nosso destino vive dentro de nós. Você só precisa ser valente o bastante para vê-lo”. (Princesa Merida, Valente, 2012)

RESUMO

Com o objetivo de discutir estereótipos de feminilidade e o papel das princesas representadas nos filmes da Disney, este trabalho analisa o contexto histórico do filme Valente, pois é o primeiro produzido pela indústria que se difere dos antecessores, Branca de Neve e os Sete Anões (1937); Cinderela (1950); A Bela Adormecida (1959); A pequena Sereia (1989); A Bela e Fera (1991); Aladdin (1992); Pocahontas (1995); A Princesa e o Sapo (2009); Enrolados (2010). Nesses filmes os papéis de cada princesa representavam o que se esperava em relação ao comportamento feminino. O presente trabalho aborda os contos de fadas na construção da feminilidade ocidental, e como os conceitos eram difundidos para a sociedade, primeiramente através de história contadas de forma oral, e depois através das adaptações fílmicas, a exemplo dos Estúdios Walt Disney. Após pesquisas e análises realizadas sobre contos infantis, princesas da Disney, suas influências nos padrões de comportamento femininos e conceitos de feminilidade, foi constatado que houve uma mudança na perspectiva feminina e que esta foi mudando com o passar do tempo principalmente devido as conquistas advindas do feminismo.

Palavras-chave: Gênero, Feminilidade, Filmes, Princesas

ABSTRACT

Aiming at discussing stereotypes of femininity and the role of princesses represented in Disney films, this paper analyzes the historical context of the movie *Valente*, as it is the first produced by the industry that differs from its predecessors, *Snow White and the Seven Dwarfs* (1937); *Cinderella* (1950); *Sleeping Beauty* (1959); *The Little Mermaid* (1989); *Beauty and the Beast* (1991); *Aladdin* (1992); *Pocahontas* (1995); *The Princess and the Frog* (2009); *Rolled Up* (2010). In these films the roles of each princess represented what was expected in relation to female behavior. This paper deals with fairy tales in the construction of Western femininity, and how concepts were disseminated to society, first through storytelling orally, and then through film adaptations, such as Walt Disney Studios. Through children's tales, Disney princesses, their influences on female behavior patterns and concepts of femininity, it has been found that there has been a change in the feminine perspective and that this has changed over time mainly due to the achievements of feminism.

Keywords: Gender, Femininity, Movies, Princesses

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Branca de Neve limpando a casa dos 7 anões	27
Figura 2- Clãs MacGuffin, Macintosh e Dingwall	
Figura 3- Branca de Neve limpando a casa dos 7 anões	27
Figura 4- Cinderela limpando a mansão	28
Figura 5- Aurora sendo despertada por um beijo do príncipe Felipe	29
Figura 6- Ariel e Eric após se casarem.....	31
Figura 7- Cena em que os moradores da vila cantam sobre Bela ser estranha por gostar de ler	32
Figura 8- Personagens do filme Aladdin.....	33
Figura 9-Pocahontas e capitão Jonh Smith	35
Figura 10- Mulan disfarçada de Ping.....	36
Figura 11-Personagens de A princesa e o Sapo	37
Figura 12-Rapunzel após prender Flyn Rider por ter invadido sua torre.....	38
Figura 13-Família DunBroch	43
Figura 14- Clãs MacGuffin, Macintosh e Dingwall	46
Figura 15- Rei Fergus usando Plaid.....	46
Figura 16- Rainha Elinor.....	48
Figura 17- Os vestidos de Merida.....	49
Figura 18 – Momento em que Merida rasga o vestido	51
Figura 19 - Merida prestes a lançar sua flecha	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	METODOLOGIA.....	16
	2.1 Classificação da pesquisa.....	16
	2.1 2.2 Levantamento de dados.....	16
	2.2 2.3 Categorias analíticas.....	17
	2.3 2.4 Tratamento de Dados.....	17
3	A FEMINILIDADE, SEUS ESTEREÓTIPOS E QUESTÕES DE GÊNERO.....	19
	3.1 A história da feminilidade e questões de gênero.....	19
	3.2 O Movimento Feminista.....	22
4	OS CONTOS INFANTIS E AS PRINCESAS DA DISNEY.....	25
	4.1 Branca de Neve e os Sete Anões (1937).....	26
	4.2 Cinderela (1950).....	27
	4.3 A Bela Adormecida (1959).....	29
	4.4 A Pequena Sereia (1989).....	30
	4.5 A Bela e a Fera (1991).....	31
	4.6 Aladdin (1992).....	32
	4.7 Pocahontas (1995).....	34
	4.8 Mulan (1998).....	35
	4.9 A Princesa e o Sapo (2009).....	37
	4.10 Enrolados (2010).....	38
	4.11 As classificações das princesas.....	39
5	VALENTE (2012): ANÁLISE DO FIGURINO.....	42
	5.1 Descritivo do filme “Valente”, 2012, Pixar/ Disney.....	42
	5.2 Contexto Histórico do filme Valente.....	45
	5.3 O papel feminino através da indumentária de Merida.....	48
6	CONCLUSÃO.....	52
	REFERÊNCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

Desde a primeira infância nos é exposto um conhecimento sobre a vida e suas adversidades, através de contos infantis, explicado por Kaufman & Rodríguez (2005, p.21). Contados por nossos familiares a fim de que consigamos entender e participar do mundo literário, relata Cademartori (1994, p.23), funciona como um mecanismo de associação permitindo uma formação conceitual de quais condutas se espera na sociedade, principalmente, a ocidental, visto que, a oriental tem outros meios de educação. Jung (2002, p. 17) afirma que há a criação de arquétipos que são difundidos durante um longo período de tempo.

Barbosa (2016) afirma que alguns contos foram adaptados para o cinema pela Walt Disney Pictures, por exemplo, retratavam padrões de certos períodos, através de personagens como as princesas adaptadas em seus filmes, por consequência alguns conceitos de feminilidade ficaram atrelados ao padrão das princesas da Disney.

Porém, segundo Queiroz (2016) devido às diversas transformações sociais e culturais como a inclusão da mulher no mercado de trabalho e a emancipação feminina que aconteceram durante a mudança do século XIX para o século XX e posteriormente XXI, obtidas no feminismo, os Estúdios Walt Disney alteraram sua forma de abordar o público feminino, dando mais autonomia às personagens.

A fim de discutir estereótipos de feminilidade e o papel das princesas representadas nos filmes da Disney, este trabalho analisará o contexto histórico do filme Valente, pois é o primeiro produzido pela indústria que se difere dos antecessores, Branca de Neve e os Sete Anões (1937); Cinderela (1950); A Bela Adormecida (1959); A pequena Sereia (1989); A Bela e Fera (1991); Aladdin (1992); Pocahontas (1995); A Princesa e o Sapo (2009); Enrolados (2010). Estes concentravam suas narrativas nas princesas em busca do príncipe encantado, enquanto em Valente pode-se observar a busca pela liberdade de expressão e a narrativa apresenta como foco o amor familiar.

Os objetivos específicos são discorrer sobre as influências dos contos de fadas no imaginário feminino, compreender os fatores responsáveis pelas mudanças no comportamento das princesas, e a percepção do figurino para a personagem Merida, observar suas características diferenciadas com relação ao padrão de feminilidade das Princesas Disney.

Após pesquisas e análises realizadas sobre contos infantis, princesas da Disney, suas influências nos padrões de comportamento femininos e conceitos de feminilidade foi

possível constatar que esse assunto já foi discutido por outros autores como Bettelheim (1996), Jung (2002), Souza (1987), Barbosa (2016).

A partir desses questionamentos este estudo visa compreender os contextos que as princesas da Disney estavam inseridas, alguns conceitos de feminilidade e pretende também, através da análise do Filme Valente apresentar o papel do figurino da personagem Merida para construção do personagem e como ele representa a liberdade da personagem em relação a sua feminilidade.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos além da introdução, metodologia e conclusão. O primeiro capítulo de conteúdo teórico apresenta um breve histórico da consciência feminina datando da pré-história aos dias atuais, relacionando alguns acontecimentos históricos a forma como as mulheres entendiam a feminilidade. O capítulo dois aborda as histórias de cada conto de fadas que envolvem princesas, em que período foram publicados e suas principais influências. O terceiro capítulo irá apresentar a análise fílmica de Valente, uma breve descrição, seu contexto histórico relacionando a indumentária de Merida aos padrões de feminilidade.

2 METODOLOGIA

2.1 Classificação da pesquisa

Para compreender como o filme Valente (2012) difere dos outros contos de fadas e entender como o figurino do personagem Merida apresenta características diferenciadas com relação ao padrão de feminilidade das Princesas Disney foi feita a análise do filme Valente, através de pesquisas qualitativa, bibliográfica e documental.

A pesquisa qualitativa, segundo Goldenberg, (2004) busca por subjetividade, onde o pesquisador não tem o foco em dados numéricos, mas com o aprofundamento da pesquisa com cunho social. Esse método de pesquisa foi escolhido pois esse trabalho pretende identificar como a época em que cada conto foi desenvolvido e adaptado pôde afetar na personalidade das personagens.

2.1 2.2 Levantamento de dados

A coleta de dados, como afirma Lakatos (2003) é a parte da pesquisa em que o autor aplica as técnicas escolhidas para serem trabalhadas e desta forma, coletar os dados previstos. “São vários os procedimentos para a realização da coleta de dados, que variam de acordo com as circunstâncias ou com o tipo de investigação”.

A pesquisa bibliográfica como conceituam Markoni e Lakatos (2003) abrange toda bibliografia publicada sobre o assunto:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (MARKONI E LAKATOS, 2003, p. 183)

A pesquisa documental, segundo Lakatos (2003, p.174-175) é feita através de documentos não necessariamente escritos, fontes primárias e secundárias, atuais ou pertencentes ao passado.

A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois. Utilizando essas três variáveis - fontes escritas ou não; fontes primárias ou

secundárias; contemporâneas ou retrospectivas (LAKATOS, 2003, p.174-175).

Como o enfoque deste trabalho é descobrir o papel feminino através do figurino do personagem Merida do filme Valente, quais mudanças foram responsáveis por alterar os padrões de beleza foram consultados livros, artigos e vídeos relacionados aos comportamentos femininos durante os séculos.

As primeiras pesquisas foram feitas no primeiro semestre de 2017, nos meses de abril e maio as pesquisas foram voltadas pra os conteúdos relacionados as origens dos contos de fadas.

No mês de junho houve um estudo com o intuito de entender a influência que estes têm no meio infantil, e em livros sobre indumentária medieval, nos meses de julho e agosto foi feita uma análise sobre o filme Valente e os demais filmes relacionados as princesas dos Estúdios Walt Disney. No segundo semestre de 2018, nos meses de agosto e setembro foram realizadas pesquisas sobre o contexto histórico desses filmes, uma análise mais minuciosa sobre o figurino da princesa Merida e também de seus familiares foi feita nos meses de outubro e novembro.

No segundo semestre do ano de 2019, nos meses de setembro foi realizada uma pesquisa mais aprofundada sobre esses contextos históricos e nos meses de outubro e novembro as pesquisas foram relacionadas as questões de gênero e feminilidade e sobre a história do movimento feminista.

2.2 2.3 Categorias analíticas

As categorias analíticas correspondem aos principais pontos que norteiam a pesquisa, através das pesquisas bibliográfica e documental, selecionou-se algumas categorias para serem analisadas, são elas o inconsciente coletivo, que para Jung (2002), corresponde a arquétipos pré-estabelecidos e difundidos por um longo período de tempo; estereótipos, que são pressupostos sobre algum assunto e neste trabalho serão relacionados com a feminilidade e os padrões de beleza; feminilidade, por se tratar da forma como as mulheres entendem seu papel e comportamento ao longo da História.

2.3 2.4 Tratamento de Dados

Após a finalização das pesquisas bibliográfica e documental, foi feita a

interpretação dos resultados obtidos. As informações reunidas através das pesquisas foram categorizadas de acordo com a necessidade dos objetivos pré-estabelecidos na presente pesquisa, que são discorrer sobre as influências dos contos de fadas no imaginário infantil feminino, conceituado por Cadermatori (1994, p. 23) como um influenciador na formação conceitual para as condutas que a vida em sociedade condiciona. E como eles foram colaboradores na forma como as mulheres entendiam seu papel na sociedade.

3 A FEMINILIDADE, SEUS ESTEREÓTIPOS E QUESTÕES DE GÊNERO

O papel feminino nos contos fadas está muito ligado às questões de gênero e feminilidade envoltos na sociedade ocidental e que foi adaptado e alterado conforme a passagem dos séculos. Para que esse processo de transformação do papel feminino, possa ser melhor compreendido será abordado alguns conceitos de feminilidade, algumas questões de gênero, bem como o histórico do movimento feminista.

3.1 A história da feminilidade e questões de gênero

Embora cada sociedade tenha um conceito de feminilidade, que se adequa aos anseios e comportamentos de seu povo. O termo geralmente associa-se a atitudes obedientes, e a características como sensibilidade, gentileza, tolerância e bondade. Por muito tempo, a questão de gênero foi abordada por diversos historiadores de maneira que segundo Joan Scott (1989), apresentava o papel feminino de forma equivocada, e muitas vezes sem importância para as conquistas femininas.

Na sua maioria, as tentativas das (os) historiadoras (es) de teorizar sobre gênero não fugiram dos quadros tradicionais das ciências sociais: elas (es) utilizaram as formulações antigas que propõem explicações causais universais. Estas teorias tiveram, no melhor dos casos, um caráter limitado porque elas tendem a incluir generalizações redutoras ou simples demais: estas minam não só o sentido da complexidade da causalidade social tal qual proposta pela história como disciplina, mas também o engajamento feminista na elaboração de análises que levam à mudança (SCOTT, 1989, p.05)

A autora afirma ainda que a palavra gênero recebeu, no início dos estudos de gênero uma conotação ligada ao feminino, como se o uso do termo “masculino” fosse autoexplicativo, o que não se aplica ao feminino.

Fazendo-se um apanhado histórico percebe-se que desde a pré-história, período correspondente ao momento que antecede o descobrimento da escrita, logo, as informações sobre a participação de ambos os sexos são obtidas por estudos arqueológicos e as informações são retiradas de estudos feitos em fósseis.

O papel feminino esteve ligado a capacidade de reprodução da mulher, a atividades domésticas e de cuidado com os filhos. No entanto, segundo Diniz (2006, p.?), essa questão já foi pré-estabelecida por diversos pesquisadores “E o gênero da principal personagem da (Pré)História foi sempre e ainda é, predominantemente, masculino, quer se discutam as vias e os protagonistas da evolução biológica quer se analisem os agentes da evolução cultural”.

Os homens produzem cultura, inventam novos artefactos, correm perigos caçando

animais selvagens, são artistas que pintam interiores de grutas, abrem campos agrícolas, levam os animais ao campo, inventam a guerra, a metalurgia, constroem casas para vivos e templos para mortos, assumem o poder religioso, político, econômico, social, em suma... conduzem a História (DINIZ, 2006, p. 43)

Diniz (2006) afirma que desde os primórdios as mulheres foram retratadas como “progenitoras e recolectoras”. Em contrapartida os homens são retratados como os responsáveis por produzirem a cultura, correrem os perigos ao caçar e desbravar o desconhecido, etc.

A antiguidade que corresponde ao período da história desde a invenção da escrita (4000 a.C. a 3500 a.C.) até a queda do Império Romano do Ocidente que aconteceu por volta do ano 476 d.C. e ao início da Idade Média no século V, a antiguidade oriental abrange as culturas da Mesopotâmia e do Egito.

Na Mesopotâmia, as mulheres tinham poucas opções sociais, as que não conseguiam um casamento, apenas poderiam se dedicar a vida religiosa, torna-se concubinas e escravas, segundo historiadores a Mesopotâmia era regida por um sistema de cidades-estados, as cidades se auto governavam e viam no rei a figura de maior poder, cada um estabelecia as leis de acordo com a necessidade do seu povo, porém, existe a necessidade de considerar a complexidade dessas sociedades pois não eram organizadas de maneira homogênea.

Numa perspectiva do casamento as autoras Lion e Michel (2005, p. 1-25) afirmam que “O casamento é objeto de um acordo entre as famílias dos cônjuges. Ele é frequentemente oral e somente os casos atípicos são objeto de um contrato escrito; os próprios códigos de leis não consideram as situações comuns”, ainda que não era a própria quem escolhia seu marido, mas sim, seus parentes, em alguns quesitos elas possuíam os mesmos direitos que seus maridos em caso de adultério, por exemplo, ambos eram tratados da mesma forma. No entanto, as atividades femininas eram voltadas para as atividades domésticas.

No Egito a sociedade era estruturada em torno do Faraó, era considerado como um filho dos deuses, era responsável pelas decisões políticas e religiosas, sua figura era respeitada e venerada por todos, na cultura egípcia havia uma estrutura social hierarquizada, dividiam-se através de critérios religiosos e econômicos. A mulher egípcia exerceu um papel semelhante ao do homem na política, o que não acontecia nas demais sociedades da época, a exemplo de Cleópatra, todavia as mulheres pertencentes às classes mais baixas tinham suas atividades voltadas para os afazeres domésticos, trabalhavam nos campos.

Fora de casa, mulheres da classe alta e que possuíam instrução desempenhavam um papel importante no culto religioso de vários deuses, podendo desenvolver a função de sacerdotisa, cantora ou dançarina. Porém, assim como as demais atribuições

destinadas às mulheres, ao longo do tempo, estas funções no templo acabaram inferiorizadas, com exceção daquelas desempenhadas por membros femininos da família real (SOUSA, 2010, p. 39).

A Antiguidade clássica é o período entre o século VIII a.C. e o século VI d.C. centrado no mar Mediterrâneo, compreendendo as civilizações da Grécia antiga e da Roma antiga. Na Grécia antiga, mais precisamente na cidade de Atenas, o papel da mulher era limitado, elas tinham sua educação voltada para obediência e ao contexto doméstico, eram educadas por mulheres mais velhas, tidas como propriedade do pai e passavam pertencer ao marido após o matrimônio assim afirmam Márcio Filho, Neves, Renilto Filho (2011).

Para o Direito Greco-romano, a mulher devia passar por várias fases de sujeição. Quando pequena, sujeita-se ao pai, na mocidade ao marido, na viuvez aos filhos ou parentes dos maridos e ainda havia alguns casos em que o marido poderia inclusive escolher-lhe um segundo marido ao aproximar-se da morte. Em suma, nunca devia governar-se. Na vida civil, esta vinculava-se sempre a um tutor para exercer os atos a ela nunca permitidos (MARCIO FILHO, NEVES, RENILTO FILHO, 2011, p. 04).

Em contrapartida, em Esparta, as mulheres recebiam educação igual a dos homens, participavam inclusive de torneios e atividades esportivas, a fim de fortalecer o seu corpo para gerar filhos saudáveis e vigorosos, elas assim como os homens, iam aos quartéis aos sete anos de idade para serem educadas e treinadas para a guerra.

E tinham uma educação mais avançada que a dos homens, já que seriam elas que trabalhariam e cuidariam da casa enquanto seus maridos estivessem nos campos de batalha servindo ao exército (MARCIO FILHO, NEVES, RENILTO FILHO, 2011, p. 07).

Segundo Pernoud (1978), na Idade Média os jovens casavam-se com parceiros escolhidos por seus pais, e esses “casamentos” serviam unicamente para unir famílias. A mulher era comprometida a vida religiosa. E a religião a julgava como origem do pecado, pois foi dado a ela uma representação de Eva, desse modo foi culpada por todos os pecados, como explica Santos (2006, p. 85) “A personificação da mulher em Eva, a pecadora, a tentadora, aliada do Diabo e culpada da Queda, faz com que concentrem nela todos os vícios evocando símbolos tidos como femininos, como, por exemplo, a luxúria, a gula, a sensualidade e a sexualidade”, colocando-a num papel de fragilidade.

No século XVII, segundo Garcia (2011) começou-se uma discussão sobre o papel social das Mulheres, pois algumas transformações sociais e políticas haviam concedido uma participação mais consciente das mulheres, mas a realidade era outra:

O problema estava na ordem do dia: as transformações econômicas, sociais e políticas haviam assentado as bases de uma participação mais ampla e consciente das mulheres na vida política, artística e cultural; entretanto, muitas estavam apartadas de qualquer tipo de educação ou papel significativo. Reclusas em suas

casas, não lhes era permitido falar com estranhos e apenas podiam sair para ir até a Igreja se fossem acompanhadas por uma mulher mais velha (GARCIA, 2011, p. 41).

No século XIX segundo a autora Souza (1987), o casamento era uma espécie de favor que o homem conferia a mulher e o único meio de ter um status econômico e social, pois a mulher que não se casava era considerada fracassada, se conformando com a vida de solteira, e em sociedades em que o movimento de emancipação já havia iniciado como na Inglaterra, a vida era humilhante e somente a partir da segunda metade do século em diante, passou a interessar-se pelo meio profissional.

Foi nesse período que começaram os movimentos que buscavam a igualdade por direitos entre homens e mulheres conhecido por feminismo, tentando diminuir as consequências do machismo estrutural que vinga até os dias atuais, para melhor compreendermos esses movimentos este trabalho abordará alguns conceitos e um breve histórico do feminismo.

3.2 O Movimento Feminista

A história da sociedade ocidental, possui diversos meios usados para confirmar a desigualdade entre homens e mulheres. Como conceitua Garcia (2011) essa desigualdade tem seus primeiros registros na mitologia e nas religiões.

A mitologia e as religiões são bons exemplos. Na Grécia Clássica e na tradição judaico-cristã, Pandora e Eva respectivamente desempenham o mesmo papel: o de demonstrar que a curiosidade feminina é a causa das desgraças humanas e da expulsão dos homens do Paraíso (GARCIA, 2011, p. 12).

O machismo como é denominado o conceito que defende a superioridade masculina em relação ao feminino. Cientes dessas desigualdades e buscando por respeito as mulheres iniciaram uma busca por uma equidade na forma como são tratadas em vários âmbitos da sociedade ocidental, visto que para outras sociedades, os direitos das mulheres são pouco ou nada respeitado.

O movimento feminista teve em princípio cunho emancipatório, com o intuito de diminuir as injustiças ocasionadas pela sociedade patriarcal vigente até os dias atuais. A maioria dos movimentos aconteceram no exterior, e as conquistas alcançadas chegaram ao Brasil em tempo e intensidade diferentes. Garcia (2011, p. 12) afirma que o movimento feminista pode ser definido como uma forma que as mulheres encontraram para reivindicarem seus direitos à vida mais justa.

[...]o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres

como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social (GARCIA, 2011, p. 13).

O surgimento de temas relacionados à condição de opressão das mulheres, tiveram registros em séculos anteriores ao uso oficial do termo feminismo, que data do século XIX. No ano de 1791, por exemplo, a revolucionária Olympe de Gouges proclamou uma declaração sobre os direitos das mulheres, nela ela discorria sobre o fato das mulheres possuírem direitos naturais assim como os dos homens e embora tenha sido rejeitada, sua declaração é tratada como o símbolo mais representativo do feminismo.

No entanto, seguramente, um dos momentos mais lúcidos na tomada de consciência feminista do século XVIII está na Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs escrito em 1791 por Olympe de Gouges e em Reivindicação dos Direitos das Mulheres, de Mary Wollstonecraft, de 1793 (GARCIA, 2011, p. 42).

No século XVIII o iluminismo, movimento cultural e filosófico voltado para da liberdade em vários aspectos por meio da razão, favoreceu o acesso da mulher à educação formal, sendo assim, a revolução francesa é considerada por muitos autores como o início do feminismo.

Porém muitos autores subdividem o feminismo em 3 momentos ou mais comumente chamados de ondas. A primeira onda do feminismo ocorreu no séc. XIX era focada principalmente no sufrágio, ou seja, o direito ao voto e também a participação na política, houve a realização manifestações e greves de fome em defesa da igualdade de gênero a aos direitos políticos que até então era negado as mulheres.

Embora as mulheres pobres já trabalhassem em indústrias e manufaturas, o movimento foi composto principalmente por mulheres da classe burguesa, principalmente as que conseguiram ter acesso à educação e exigiam direitos trabalhistas mais justos.

O sufragismo foi um movimento de agitação internacional, presente em todas as sociedades industriais que tinha dois objetivos centrais: o direito ao voto e os direitos educativos. Levou oitenta anos para conquistar ambos, o que supõe três gerações de militantes. [...] O sufragismo inventou manifestações, a interrupção de oradores mediante perguntas sistemáticas, a greve de fome e muitas outras formas de protesto. O sufragismo inovou as formas de agitação e inventou a luta pacífica que logo foram seguidas por outros movimentos políticos como o sindicalismo e o movimento em prol dos direitos civis (GARCIA, 2011, p. 57 - 58).

A segunda onda aconteceu por volta do ano de 1960 e se estendeu até a década de 1980, desencadeou muitos movimentos sociais. Criticavam o ideal que julgava que as mulheres deveriam cuidar apenas dos afazeres domésticos, da família, mas também debatiam sobre questões como o aborto e divórcio.

[...]o surgimento da segunda onda do feminismo, o movimento incorpora pautas culturais, desta vez relacionadas ao questionamento dos padrões sociais que atribuem a homens e a mulheres papéis específicos nas relações afetivas, na vida política e no trabalho, o que estaria na base da preservação de desigualdades (MARTINS, 2015, p. 234).

Alguns fatos que antecederam a segunda onda foram cruciais pra que ela tomasse as proporções que teve. No ano de 1949 a autora e filósofa francesa Simone de Beauvoir publicou livro “*o segundo sexo*” onde defendia que o homem era sempre colocado em primeiro lugar o que conferia a mulher o posto de segundo sexo, dele é a famosa frase: “Não se nasce mulher, torna-se”. Tornando-se a base para as feministas das décadas seguintes.

Os anos 1960 foram marcados por grandes debates, pois as mulheres eram cada vez mais rechaçadas das questões políticas completamente governada por homens, elas passaram a se organizarem e resultou na “constituição do Movimento de Liberação da Mulher”. Houve ainda o surgimento de outras vertentes do feminismo como o feminismo radical (GARCIA, 2011).

A terceira onda teve seu início a partir da década de 1980 do século XX, e para muitos autores continua nos dias atuais. O movimento repensa algumas ações e pensamentos das ondas anteriores, como os estereótipos e a função da mulher na sociedade.

O feminismo dos anos 80 se centra no tema da diversidade entre as mulheres. Esse feminismo se caracteriza por criticar o uso monolítico da categoria mulher e se centra nas implicações práticas e teóricas da diversidade de situações em que vivem as mulheres. Essa diversidade afeta as variáveis que interatuam com a de gênero, tais como país, etnia e preferência sexual (GARCIA, 2011, p.94).

No feminismo contemporâneo ainda há necessidade de discursão sobre o conceito de gênero na teoria e prática, “o feminismo vem sendo reformulado no sentido de considerar a heterogeneidade das relações sociais, pautadas pela mobilidade e variabilidade” (MARTINS, 2015, p. 244). Busca-se uma igualdade trabalhista relacionada ao salário e a introdução da mulher em profissões predominantemente masculinas, de fato busca-se uma equidade em todos os âmbitos, mas principalmente respeito.

4 OS CONTOS INFANTIS E AS PRINCESAS DA DISNEY

A origem dos contos de fadas é incerta, devido terem sua origem em narrativas orais como afirma Kaufman & Rodríguez (2005, p.21) “O conto é um relato em prosa de fatos fictícios”, repassadas por diferentes gerações até hoje, eles nem sempre tiveram foco no público infantil, a maioria foi adaptada para tal público por serem capazes de formar conceitos, além de possibilitar ao ouvinte uma gama de sentimentos, que por eles ainda são desconhecidos.

Segundo Bettelheim (1996) o conto permite o desenvolvimento da personalidade infantil, por oferecer diferentes níveis de significados, contribuindo para sua existência como ser humano.

[...]Mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedades, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil. Como a criança em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam (BETTELHEIM, 1996, p.05).

Muitos contos foram adaptados para o cinema, a exemplo da Walt Disney Pictures que por muito tempo representou padrões de beleza do período em que viviam através das princesas adaptadas em seus filmes, que Jung (2002) chama de inconsciente coletivo quando os arquétipos são difundidos de formas já preestabelecidas por longos períodos de tempo, possuindo um significado culturalmente aprendido.

As princesas da Disney participam da construção desse inconsciente coletivo. A Walt Disney Pictures, teve como fundadores os irmãos Walt e Roy Disney os dois tornaram-se sócios, Walt era ilustrador e possuía uma enorme criatividade, já Roy cuidava do financeiro, desta maneira os dois construíram o que viria a ser um império cinematográfico (Barbosa, 2016). Desta forma a maneira como eram vistos os estereótipos beleza e comportamento, que foram difundidos por todo o Ocidente atrelando os padrões beleza das princesas da Disney ao imaginário feminino.

Neste contexto, por muitas vezes, os contos submeteram as mulheres a papéis de “donzelas indefesas” à espera do príncipe encantado. Alguns exemplos são os filmes Branca de neve e os Sete Anões (1937) e A bela Adormecida (1959), em que as mulheres são representadas como vulneráveis, necessitando de um príncipe para serem resgatadas. Essa representação correspondia a um tipo de padrão cultural previamente estabelecido que cobrava do meio feminino atitudes de submissão e obediência.

Segundo Barbosa (2016) no ano de 1930 os estúdios Disney estavam produzindo

seu primeiro longa-metragem, “Branca de Neve e os Sete Anões”, que teve como inspiração principal a história dos sete anões que Walt conhecia desde pequeno. O filme demorou cerca de dois anos para ficar pronto, devido ao perfeccionismo de Walt Disney quase levando a empresa à falência, porém o sucesso foi enorme.

Para que se possa compreender como esse inconsciente coletivo foi propagado e como as mudanças externas na sociedade ocidental transformaram a forma como as princesas eram representadas abordaremos um resumo das animações e posteriormente os contextos históricos em que foram produzidas.

4.1 Branca de Neve e os Sete Anões (1937)

É contada a história de uma princesa que após a morte de seu pai começa a ser tratada como empregada pela madrasta, uma Rainha muito vaidosa e bruxa, que sente uma inveja de sua beleza, ela possui um espelho mágico e diariamente pergunta: "Espelho, Espelho Meu, existe alguém mais bela do que eu?". Durante anos o Espelho respondeu que não, no entanto, devido ao crescimento de Branca, o espelho passou a dizer que a garota era a mais bonita de todo reino, e no ápice de sua inveja a rainha manda um caçador matar a princesa.

Porém, ao conhecer a jovem ele se recusa a matá-la e decide enganar a rainha levando um coração de um animal no lugar do de Branca. A garota vai morar com sete anões: Mestre, Dunga, Feliz, Dengoso, Soneca, Zangado e Atchim, na floresta. Ao descobrir a farsa a Rainha decide jogar um feitiço em Branca, a Bruxa vai até a casa disfarçada de velhinha e oferece uma maçã enfeitiçada e a Princesa cai em um sono profundo que só poderá ser acordada por um beijo de um amor verdadeiro.

Figura 1- Branca de Neve limpando a casa dos 7 anões



Forte: <http://tatycasarino.blogspot.com/2018/06/o-significado-mistico-de-branca-de-neve.htm> acesso em: 24 de outubro de 2019

Segundo Queiroz (2016), Branca de Neve representava o que se esperava das mulheres da década de 1930, tendo suas ocupações voltadas apenas para atividades domésticas.

Além de atributos físicos e morais (beleza, gentileza, delicadeza, passividade), a angelical princesa, mostrava interesse nos afazeres domésticos, no primeiro momento cuidando do castelo (limpeza) e no segundo momento ao cuidar dos sete anões [...] que passavam o dia todo fora de casa (trabalhando nas minas) (QUEIROZ, 2016, p. 19).

Demonstrando através dos “Anões” o que era considerado certo em relação ao comportamento masculino, onde os homens deveriam sair para trabalhar e desta forma sustentar sua família, enquanto a mulher ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos.

4.2 Cinderela (1950)

O segundo conto sobre princesa adaptado foi “Cinderela”, lançado no ano de 1950, possui algumas versões anteriores à dos estúdios Walt Disney, conta a história uma linda jovem que, após a morte do pai, passa a morar com sua madrasta e suas meias irmãs, que a humilhavam constantemente, a jovem cuidava da casa, lavava, passava roupa e alimenta animais.

Após a família ser convidada para um baile, promovido pelo Príncipe, que esperava com o evento encontrar uma esposa, Cinderela, tem sua permissão negada, pois sua

madrasta acredita que suas filhas não teriam chance em relação a beleza de Cinderela. A jovem entristecida chora e, como num toque de mágica, aparece uma fada madrinha, realizando seu desejo de ir ao baile e vestindo-a apropriadamente para o baile com um belo vestido e um sapato de vidro, porém, a fada avisa que o feitiço só durará até a meia noite.

Durante o baile o Príncipe se encanta por Cinderela, começam a dançar, não veem as horas passarem, quando o relógio marca meia noite Cinderela percebe que seu feitiço vai se desfazer e corre em disparada para sair do castelo. Ela acaba perdendo um sapatinho recuperado pelo Príncipe, logo em seguida, e resolve iniciar uma busca por todo reino pela dona do sapatinho. Até encontrá-la e casar-se com ela.

Figura 4- Cinderela limpando a mansão



Forte: <http://dossieespirita.blogspot.com/2017/02/conto-da-gata-borracheira-e-o-moralismo.html> acesso em: 24 de outubro de 2019

Produzido no contexto pós-guerra, que com a volta dos homens para casa após a Segunda Guerra Mundial, esperavam que as mulheres que estavam ocupando o ambiente profissional masculino, voltassem ao meio doméstico, pois estes precisaram servir na Guerra. Cinderela representava o perfil feminino da década de 1950, era uma jovem bondosa, que se dedicava aos trabalhos domésticos sem reclamar.

O filme Cinderela surgiu após a Segunda Guerra Mundial, e, devido a ascensão dos Estados Unidos no mundo, a personagem Cinderela é descrita com características norte-americanas, e nada mais norte americano que a figura de Marilyn Monroe, a norte americana conhecida internacionalmente na década de 1950 [...], de cabelos claros, corpo escultural e sobrancelhas delineadas. A personagem Cinderela retrata o que era a beleza na década de 1950 (BARBOSA, 2016, p. 25).

O público feminino foi induzido a uma vida familiar, “Os bebês que nasceram no pós-guerra eram agora crianças e exigiam de suas mães uma vida caseira. Até mesmo a televisão começou, nessa época a influenciar a moda, sendo as atrizes muito copiadas.” (BRAGA, 2007, p. 85)

4.3 A Bela Adormecida (1959)

Em comemoração do nascimento de Aurora o Rei faz uma festa e não convida a bruxa Malévola, três fadas madrinhas lhe oferecem presentes. A fada Flora lhe oferece a beleza como presente, Fauna o dom do canto e antes que Primavera dê seu presente, Malévola lança um feitiço sobre a princesa que morrerá ao espetar seu dedo quando tiver 16 anos. A fada Primavera para tentar salvar Aurora lançando outro feitiço e quando a garota espetar o dedo, não mais morrerá, porém cairá em um sono profundo até o amor verdadeiro a salvar com um beijo.

Para protegê-la do feitiço até seus dezesseis anos, seus pais colocam Aurora sob os cuidados das três fadas no campo. Na véspera de seu aniversário conhece o Príncipe Felipe, logo depois é levada ao castelo de seus pais. Aurora acaba furando seu dedo numa antiga roca de costura, onde dorme em sono profundo, até Felipe a salvar com um beijo.

Figura 5- Aurora sendo despertada por um beijo do príncipe Felipe



Fonte: <https://m.natelinha.uol.com.br/natelona/2017/12/04/polemica-envolvendo-o-conto-de-a-bela-adormecida-pode-censurar-livro-em-salas-de-aula-112612.php> acesso em: 24 de outubro de 2019

O filme tenta mostrar para os jovens rebeldes da época a obediência de Aurora. Uma princesa que para “um bem maior” aceita o casamento com um desconhecido, um acontecimento “comum” para o século XVII, representado no filme.

No momento histórico que os filmes Cinderela e A Bela Adormecida foram lançados, muitas meninas “acreditavam que deveriam ser salvas um dia por um príncipe montado em um cavalo branco com quem se casariam e passariam o resto da vida¹.” Desta forma havia um conflito, pois ao mesmo tempo que iniciava os movimentos feministas os

¹Charlotte Claire, Disponível em: http://obviousmag.org/a_dama_celebre/2016/a.html data de acesso: 30 de outubro de 2018.

filmes representavam mulheres frágeis e indefesas.

O feminismo passou a ter altos e baixos, a Disney então resolveu não recriar mais contos de fadas por um bom período de tempo, no ano de 1961 o filme 101 Dalmatas ao trazer a personagem Cruela Devil, mostra para as garotas da época o seu entendimento de uma mulher independente. “Tal filme indica que o feminismo era fora de padrão, e qualquer menina que ao atingir a idade não fosse dada em matrimônio, estaria enalhada e seria rechaçada, se transformaria em um monstro, uma vilã. ¹”

Porém, com o passar dos anos os estúdios Disney, passaram a retratar suas princesas com aspectos mais feministas, podemos observar essas mudanças no filme A Pequena Sereia do ano de 1989.

4.4 A Pequena Sereia (1989)

Ariel é uma sereia, filha do Rei Tritão que insatisfeita com a vida no fundo do mar fica curiosa sobre a vida na terra, tem o costume de coletar objetos que os humanos deixam cair no mar e tenta sempre descobrir a serventia desses objetos. Ela se apaixona por um príncipe humano chamado Eric, o encontra após um naufrágio, salvando sua vida, ela canta para ele enquanto está desacordado.

Apaixonada, resolve fazer um acordo com uma bruxa do mar chamada Úrsula para transformar-se em humana em troca de sua linda voz, ela passa a conviver com o príncipe que está apaixonado pela voz da garota que o salvou e não reconhece Ariel, então, Úrsula usa a voz de Ariel para enganar o príncipe, porém, ele acaba se apaixonando pela princesa e diferente do conto original que tem um final mórbido, eles se casam e unem os dois mundos.

Figura 6- Ariel e Eric após se casarem



Fonte: <http://world-of-movies.blogspot.com/2006/11/review-pequena-sereia.html> acesso em: 24 de outubro de 2019

Ariel já se inclui nas princesas que apresentam mais autonomia em seus contos, ela questiona seu lugar na sociedade, assim como as mulheres dos anos 1980, já estavam inseridas no mercado de trabalho e conseguiram muitos direitos que não tinham nas décadas anteriores, a princesa vai contra sua cultura por se apaixonar pelo príncipe humano.

Não nos estranha que o desenho Disney, em tempos em que a tolerância entre os povos é um ideal social, tenha lhe modificado o final tão radicalmente. No desenho animado, é permitido que o povo do mar e o da terra façam um casamento intercultural. É o próprio pai da sereia que, vendo a força do amor da filha, consente com sua partida, mudando sua forma. Decididamente outros tempos... (CORSO, 2006, p. 146).

No filme, também pode-se perceber o desejo que toda a população tinha em relação ao impasse entre duas grandes potências da época os Estados Unidos e a antiga União Soviética que estavam num conflito por poder denominado Guerra Fria, foi um período de intensa hostilidade, começou logo após a Segunda Guerra Mundial (1945), por volta do ano 1947 estendendo-se a 1989, e não sendo um conflito armado direto, por isso o nome “Guerra Fria”. Todos esperavam que tal conflito pudesse ter um final semelhante ao do filme, com a junção de dois “mundos” distintos.

4.5 A Bela e a Fera (1991)

Bela, é uma jovem camponesa que adora ler e idealiza uma vida diferente da que tem no interior. Após seu pai durante uma de suas viagens “roubar” uma rosa do castelo em que uma Fera mora, torna-se prisioneira após negociar a liberdade de seu pai. Lá descobre que

todos no castelo incluindo os empregados estão encantados por um feitiço colocado por uma bruxa. Bela aprende a gostar da Fera se tornando amiga e depois se apaixonando por ele. Após uma luta contra Gaston que é apaixonado por Bela, a Fera acaba ferida gravemente e a jovem revela seu amor pela Fera que se transforma em um belo Príncipe, libertando todos do feitiço.

Figura 7- Cena em que os moradores da vila cantam sobre Bela ser estranha por gostar de ler



Fonte: <http://obviousmag.org/faladessa/2016/bela-a-princesa-diferentona-da-disney.html> acesso em: 24 de outubro de 2019

Novamente pode-se observar a autonomia da personagem que demonstra interesses intelectuais, Barbosa (2016) explica que a Versão adaptada pelos estúdios Disney apresentou algumas adaptações, assim como aconteceu com outros contos.

Na versão Disney são simplificados alguns detalhes, e adicionado um elemento que gerou a trama de toda a história, o Gaston, que é um homem apaixonado e que sonha em casar com Bela um dia, bonito por fora, porém feio por dentro, com atitudes machistas e grossas, o oposto de Fera, que é feio por fora, porém belo por dentro. [...]Esse trecho mostra o posicionamento de Gaston, apresentando um comportamento antiquado e machista aos olhos da mulher moderna nos anos 1990 (BARBOSA, 2016, p. 40).

A autora afirma que a mulher da década de 1990 já não esperava um príncipe encantado, mas sim um relacionamento consistente, e que embora Gaston apresentasse as típicas características de beleza de um príncipe encantado, de nada valia, já que sua personalidade machista não mais agradava as mulheres da década.

4.6 Aladdin (1992)

É o único filme do estúdio em que a princesa é um personagem secundário. Aladdin é um jovem ladrão que tem um macaquinho chamado Abu, e após uma fuga da princesa Jasmine de seu castelo pois o Sultão ordenou que ela ache um marido, Aladdin a

encontra e se apaixona pela princesa, porém seu amor é impossível pois ele é apenas um plebeu.

Ambos são encontrados por Jafar, um feiticeiro que era o vizir do Sultão. Jafar domina o Sultão com um de seus feitiços com o intuito de casar-se com Jasmine e se tornar o sultão. Ele engana Jasmine dizendo que matou Aladdin por engano, porém, Aladdin tem encontrado uma lâmpada mágica. E Jafar precisa dele para achá-la, com ajuda de Abu o jovem consegue fugir. Ao esfregar a lâmpada, um adorável gênio aparece e lhe oferece três desejos. Aladdin deseja se tornar um príncipe para que possa casar com Jasmine e enfrenta Jafar.

Figura 8- Personagens do filme Aladdin



Fonte: <http://mentalfloss.com/article/59930/15-things-you-probably-didnt-know-about-aladdin> acesso em: 24 de outubro de 2019

O filme Aladdin é o primeiro dos Estúdios Disney a representar uma cultura oriental, porém, os personagens principais Aladdin e Jasmine tiveram suas características ocidentalizadas, Aguiar (2015)² afirma que em 1990 a “Guerra do Golfo”, um conflito entre o Kuwait e Iraque, este era governado por Sadan Hussein, ele fez várias afirmações sobre como o Kuwait estava prejudicando o Iraque em seu comércio de petróleo, pois estava vendendo o produto por um preço baixíssimo, com o intuito de reduzir o impacto causado e principalmente os prejuízos o Iraque pediu uma indenização milionária ao governo do Kuwait

² Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3072-1.pdf>. Acesso em 27 de outubro de 2019.

, que recusou-se a pagar tal dívida, Sadan mandou suas tropas invadirem o Kuwait, em resposta a ONU interveio e vários países liderados pelos EUA bombardearam o Iraque. Para o autor esse é um dos fatos responsáveis pelo desenvolvimento dessa animação num contexto oriental.

Embora a cidade de Agrabah seja fictícia, percebe-se a criação de vários estereótipos acerca da animação. A cultura do Oriente Médio passa a ser representada de maneira equivocada, as características dos personagens principais foram ocidentalizadas, Jasmine foi representada como uma mulher sensual e suas vestes remetem a isso, em contrapartida as vestes usadas no Oriente Médio, pois as mulheres na maior parte da Arábia tem seu corpo quase que completamente coberto por suas vestimentas.

4.7 Pocahontas (1995)

A história é baseada em fatos reais. Pocahontas, é filha do chefe de sua tribo Powhatan. Pocahontas é prometida, por seu pai, ao maior guerreiro da tribo, mas a independente princesa é contra seu casamento.

Após a chegada de um navio de colonos ingleses, em busca de ouro no Novo Mundo para o governador inglês Ratcliffe, assustando o povo indígena ela acaba se apaixonando pelo Capitão John Smith.

Entre as oposições de Ratcliffe, que acredita que os indígenas escondem o ouro, e o chefe da tribo Powhatan, que acredita que os colonos destruirão sua terra, Pocahontas e o capitão Smith, com a ajuda da sábia e mágica Vovó Willow, enfrentam uma situação para prevenir uma guerra e salvar o amor que têm um pelo outro.

O final do filme tem um desfecho triste, já que, Pocahontas e capitão Smith não ficam juntos no final, pois Smith fica bastante debilitado e volta para a Inglaterra para se tratar. Porém, na continuação chamada "*Pocahontas 2: uma jornada para um novo Mundo*" do ano de 1998, Pocahontas se casa com John Rolf, com quem ela se casou na vida real.

Figura 9-Pocahontas e capitão Jonh Smith



Fonte: <http://inutilnostalgia.blogspot.com/2010/01/verdade-sobre-pocahontas.html> acesso em: 25 de outubro de 2019

Como já foi mencionado o filme é baseado em fatos reais. O contexto do filme passa na América do Norte com chegada dos colonizadores na América pelas grandes navegações. Quando o rei inglês ordena a exploração da América do Norte, Jonh Smith e seus companheiros partem a procura de ouro e outros metais. Ao começarem as explorações pela região percebem que no local não havia metais a serem minerados. Sua chegada causou diversas revoltas dos índios contra os mesmos.

4.8 Mulan (1998)

O filme conta a história de Mulan uma corajosa e atrapalhada jovem que decide tomar o lugar de seu pai na guerra do Império Chinês contra os Hunos. Após uma tentativa frustrada de arranjar um casamento, a jovem começa a questionar seu papel como mulher e se ela conseguirá honrar seu pai.

Enquanto isso os Hunos invadem a China e o Imperador ordena que as famílias mandem um homem para participar do exército imperial. Na família de Mulan há somente seu pai que já está velho e doente ele quer ir para poder salvar a honra da família. Mulan acredita que o pai morrerá se for, então rouba sua armadura se apresentando ao exército como o filho de seu pai. Os espíritos de seus ancestrais resolvem protegê-la e ordenam que um dragão a ajude, entretanto, outro dragão muito atrapalhado chamado Mushu que está afastado da proteção de pessoas, ele tem o papel de acordar o outro dragão que está adormecido em forma de estátua, porém acaba destruindo a estátua sem querer, e tomando seu lugar, causando grandes confusões para Mulan, junto com seu grilo da sorte.

A jovem se apaixona pelo capitão Lee Shang, e tenta ao máximo ajudar o exército

e após uma batalha contra os Hunos é descoberta e mandada embora do exército, entretanto, a jovem sabe que os Hunos que restaram irão atacar novamente e vai atrás de Lee para avisá-lo, ele não acredita em Mulan, mas ela usa toda sua inteligência para salvar a China.

Quando os Hunos atacam a China, Lee e os outros participantes do exército ajudam Mulan a derrotar os Hunos. E no fim Lee vai atrás de Mulan e revela que está apaixonado por ela.

Figura 10- Mulan disfarçada de Ping



Fonte: <https://encenasaudemental.com/personagens/mulan-a-ruptura-de-estereotipos-e-a-polissemia-feminina/>

acesso em: 24 de outubro de 2018.

No início do filme ela tenta se adequar aos costumes de sua cultura, ao tentar arranjar um casamento ela se apresenta como uma mulher submissa, delicada e dedicada somente às tarefas domésticas e ao futuro marido, tentando “honrar” sua família, no entanto, ela não passa na seleção para o casamento e se questiona se ela realmente quer se casar.

No momento que sucede sua ida para o exército chinês seu comportamento passa a ser completamente masculinizado, a personagem passa a ter mais autonomia e mostra sua superação a cada dia, ela é importante para a contenção dos Hunos, e após ser descoberta humilhada e expulsa por ser mulher, ela não desiste de ajudar seus amigos, que por sinal continuam considerando-a uma excelente colega sem se importar que ela seja mulher.

Na época que o filme foi produzido, Marques (2014) afirma que as mulheres buscavam o fortalecimento do que já tinha sido conquistado por meio dos movimentos feministas.

Na época em que o filme sobre Mulan foi lançado, o mundo (principalmente a parte ocidental dele) rodava junto à disseminação dos movimentos feministas. [...] há três momentos distintos e marcantes. O primeiro deles é datado entre o século XIX e o início do XX, onde a luta voltava-se aos direitos trabalhistas e educacionais das mulheres; o segundo momento, datado entre as décadas de 1960 a 1980, é marcado pela luta pelos direitos legais e culturais da mulher na sociedade e o terceiro momento, datado entre o final dos anos de 1980 até o início do novo milênio, é

marcado pela continuação da luta anterior, onde as mulheres buscavam o fortalecimento do que já havia sido conquistado e a conquista do que ainda não havia. É em meio a esse terceiro momento que os filmes de Mulan são lançados, ou seja, é em meio a um momento onde a mulher foi incorporando novos papéis na sociedade em que vivia, assumindo-se cada vez mais como o ser polissêmico que é (MARQUES, 2014, p.)

Desta forma pode-se perceber que todos os filmes da década de 1990 como A Bela e a Fera (1991), Aladdin (1992), Pocahontas (1995), participam do contexto da luta pela afirmação das capacidades femininas do século XX e Mulan veio para fechar o século como a representação da evolução dos estereótipos de feminilidade.

4.9 A Princesa e o Sapo (2009)

Tiana é uma jovem que mora em Nova Orleans, desde criança foi incentivada por seu pai a acreditar em seus sonhos, os dois desejavam ter um restaurante, e depois da morte de seu pai ela fica com a ideia fixa de ter esse restaurante, o que faz com que ela tenha dois empregos para juntar o dinheiro necessário. Ela aceita trabalhar na festa de sua amiga muito rica Charlotte Labouff, que espera conquistar o príncipe Naveen durante a festa. O príncipe, no entanto, foi transformado em sapo, por um feiticeiro maligno.

Figura 11-Personagens de A princesa e o Sapo



Fonte: <https://exitoina.uol.com.br/noticias/cinema/live-action-de-princesa-e-o-sapo-e-desenvolvido-pela-disney.phtml> acesso em: 24 de novembro de 2019

Durante a festa Tiana acaba se sujando, Charlotte pede para que ela vá se trocar em seu quarto e use um de seus vestidos. É quando o príncipe/sapo consegue chegar ao quarto de Charlotte e pede para Tiana o beije para que o feitiço seja quebrado, ela se nega no início,

mas o príncipe lhe promete que dará a quantia necessária para conseguir seu restaurante em troca do beijo, Tiana aceita, mas ao beijá-lo ela também se transforma em sapo. Os dois partem em uma jornada atrás da solução do feitiço descobrem que o beijo tem que ser de amor verdadeiro, após muitas confusões acabam apaixonando-se, beijam-se e voltam a forma humana.

Segundo Blanco (2012), Tiana foi primeira protagonista negra, é a representação mais realista dos Estúdios Disney, aproximando o público pelo fato da “história do filme não se passa num reino desconhecido e sim na cidade de New Orleans e ter referências diretas à realidade”. Tiana é uma jovem trabalhadora com um objetivo definido e faz o possível para alcançá-lo, por vezes, chegando ao seu limite.

4.10 Enrolados (2010)

Figura 12-Rapunzel após prender Flynn Rider por ter invadido sua torre



Fonte: <https://cenasdecinema.com/enrolados/> Acesso em: 24 de outubro de 2019

O conto Enrolados é uma adaptação do conto Rapunzel. Ela é filha dos reis que foi raptada por Gothel uma bruxa que usava uma flor mágica para manter-se jovem, essa flor foi usada como remédio para a mãe de Rapunzel enquanto estava grávida e a garota nasceu com os mesmos poderes da flor, com isso Gothel aprisionou a jovem numa torre muito alta sem portas e com apenas uma janela e por anos mente para ela dizendo ser sua mãe.

Flynn Ryder é o bandido mais procurado do reino e durante sua fuga, ele acaba encontrando a torre em que Rapunzel está aprisionada e finge ser Gothel para conseguir subir pelos cabelos da garota que servem de corda por serem enormes. Ela percebe que ele é um

ladrão e o deixa inconsciente e quando ele acorda ela sugere que ele a ajude a fugir para ver as luzes que sempre surgem no dia de seu aniversário em troca da coroa que Flynn roubou. Juntos eles partem em uma jornada e nela descobrem o amor e que Rapunzel é na verdade uma princesa.

Nesta adaptação pode-se observar uma grande mudança do papel feminino em relação ao conto original, suas características na versão “clássica” correspondem às características submissas, já na versão da Disney Rapunzel é uma jovem sonhadora e determinada que anseia por liberdade.

Blanco (2012) afirma que Rapunzel foi uma releitura das princesas clássicas³ com ideais das princesas contemporâneas². “Rapunzel foi, portanto, uma recapitulação e, ao mesmo tempo, uma atualização do passado. Algo como uma celebração, mais de todas as outras Princesas do Estúdio, mas ainda assim, uma celebração ao ponto em que a mulher se encontra hoje.”⁴

Rapunzel nessa releitura do conto tem aspirações, almejando relações mais realistas, anseia por sair e ver as luzes que aparecem nos céus todos os anos no dia de seu aniversário e faz de tudo pra realizar seu sonho de vê-las pessoalmente. Assim como as mulheres na atualidade também buscam realizar-se em seus projetos, na vida pessoal e profissional.

4.11 As classificações das princesas

As princesas serão divididas em três denominações para serem analisadas neste trabalho: clássicas, rebeldes e contemporâneas essa foi a nomenclatura utilizada por Breder (2013, p. 32 - 42).

As princesas clássicas incluem Branca de Neve (1937), Cinderela (1950), e Aurora de A Bela Adormecida (1959). O perfil das princesas clássicas foi desenvolvido num período em que a sociedade ocidental era mais conservadora, datando do fim da década de 1930 e final da de 1950, o papel feminino era voltado para atividades domésticas, os homens eram os provedores do lar, havendo ainda as guerras, crises, influenciando o comportamento de submissão das princesas nas animações da Disney.

As princesas denominadas como rebeldes por Breder (2012), compreendem as

⁴ BLANCO, Diego. **Princesas Disney e o feminismo- final** .19 de setembro de 2012. Elaborada por: Revista Fórum. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2012/09/19/princesas-disney-e-o-feminismo-final/>>. Acesso em: 15 de julho de 2017.

adaptadas no período de 1980 e 1990 indo quase ao início ao século XXI. Ariel, do filme *A Pequena Sereia* (1989), *Bela de A Bela e a Fera* (1989), *Jasmim* do filme *Aladdin* (1992), *Pocahontas* (1995), sendo apenas *Mulan* (1998) uma garota comum e não uma princesa.

As mulheres nesse período final da década de 1980 e durante a de 1990, já estavam inseridas no mercado de trabalho e o movimento feminista já atuava com mais representatividade, esses, dentre outros fatores configuraram uma reformulação do conceito de feminilidade, proporcionando mais independência para as princesas, de maneira notória elas passaram a não esperar pelo príncipe encantado e sim a busca pelo amor verdadeiro.

Ariel troca seu dom do canto por pernas e fica contra seu pai ao se apaixonar por um príncipe humano. *Bela* se diferenciava das outras jovens de sua vila por gostar de ler e por dispensar *Gaston*, tido como o “homem ideal” e trocando de lugar com seu pai na prisão da *Fera* e depois se apaixonando por ele em sua forma encantada, que não correspondia ao padrão de beleza esperado de um príncipe e sendo esse amor o responsável por libertar a *Fera* da maldição. *Jasmim* desobedece às ordens de seu pai ao não aceitar um casamento arranjado, fugindo do Palácio e se apaixonando por um ladrão.

Pocahontas vai contra sua tribo ao se apaixonar por um homem branco e com sua ajuda impede que uma grande guerra aconteça. *Mulan* destaca-se por se passar por homem durante a guerra para salvar seu pai que estava impossibilitado de lutar devido sua idade e condição física.

Todas as princesas “rebeldes” demonstram independência e um espírito de oposição às diretrizes da sociedade ou povo, no entanto, nas adaptações dos Estúdios Disney todas ainda veem o encontrar seu príncipe encantado como o final feliz de suas histórias.

As princesas que são denominadas contemporâneas para *Breder* (2012), são *Tiana de A Princesa e o Sapo* (2009); *Rapunzel de Enrolados* (2010); *Merida de Valente* (2012).

Na adaptação de *A Princesa e o Sapo* (2009) às aspirações da personagem não giram em torno de encontrar seu príncipe encantado, fato que acontece “naturalmente” no decorrer da história, e sim, em trabalhar para conseguir o dinheiro necessário para a construção de seu restaurante, nítida mudança em relação aos contos anteriores, *Tiana* tem características como independência, força de vontade, empreendedorismo, representando como algumas mulheres gostariam de serem retratadas. Embora, *Enrolados* (Releitura do conto *Rapunzel*, 2010), tenha uma história com algumas semelhanças a de *Aladdin*, no fato das princesas serem “prisoneiras” e só conseguirem conhecer seus reinos após conhecerem seus respectivos príncipes, ambas possuem personalidades distintas e causam sensações diferentes em quem assiste suas histórias.

Já em *Valente*, Merida busca por liberdade de expressão, visto que, por ser princesa deve estar sempre inclinada aos deveres da nobreza, enquanto seus irmãos são “livres” dessas obrigações, na trama a jovem tenta a todo custo mostrar para sua mãe que não quer se casar desafiando-a diversas vezes, contudo, após sua mãe ser amaldiçoada e transformada em urso, as duas começam uma jornada de autoconhecimento, e superam suas diferenças para poderem libertar Elinor do feitiço, sendo esse o foco do filme e não no casamento de Merida, por fim, a Rainha percebe que realmente a filha não está preparada para tal compromisso e deixa que a ela decida quando e com quem se casar.

Esse papel exigido da mulher chega aos filmes de maneira romantizada onde o herói salva a mocinha que tem sempre as características de docilidade, amabilidade etc. porém, com a desconstrução ocorrida na sociedade como um todo, cada vez mais pode-se observar que as mulheres são representadas como independentes, muito disso deve-se às conquistas obtidas através do movimento emancipatório do feminismo. As reproduções da Walt Disney também evoluíram e passaram a representar as mulheres como realmente são, as animações que sucederam ao filme *Valente*, como também os *live-actions* (releituras dos antigos contos) são notoriamente mais fiéis ao que o meio feminino idealiza no século XXI, com interesses que vão além da vida doméstica e familiar.

5 VALENTE (2012): ANÁLISE DO FIGURINO

O filme é o primeiro produzido pela indústria que se diferencia de seus antecessores, estes concentravam suas narrativas nas princesas em busca do príncipe encantado.

Filmes do início do século XX, retratavam mulheres com características de obediência, a princesa aguardava “o resgate” de seu príncipe. Em *A Branca de Neve* (1937) e em *A Bela Adormecida* (1959) elas são acordadas por um beijo de seus respectivos príncipes para salvá-las da morte. Em *Cinderela* (1950) pode-se notar um pouco mais de autonomia na personagem ao decidir que irá ao baile, contra a vontade de sua madrasta, onde encontra seu príncipe encantado por quem se apaixona instantaneamente.

Com o fim do feitiço e a perda do sapatinho de cristal ela retorna a sua vida normalmente, não pretende ir ao encontro dele e ele é quem vai ao seu encontro com o sapatinho. Já no final do século em *A Pequena Sereia* (1989), Ariel demonstra desde o princípio sua autossuficiência em comparação aos contos antigos, vai contra seu pai para conseguir ficar junto ao seu príncipe, no entanto a maneira que encontrou para isso não foi a ideal, vê-se que há mais questionamentos sobre diversos assuntos que não haviam nos outros contos.

Em filmes da década de 1990, as personagens seguem o mesmo ideal de liberdade que em *A Pequena Sereia*, além de apresentarem ter interesses mais relevantes que os afazeres domésticos, e exercendo atividades antes voltadas para o meio masculino.

No início do século XXI, as animações sobre princesas passaram a ter uma visão mais realista, pois são retratados em uma época mais atual, ou seja, no século XXI.

Mas como já foi mencionado todos os filmes anteriores ao filme de Merida relacionaram o final feliz das princesas ao fato de encontrarem o homem ideal.

5.1 Descritivo do filme “Valente”, 2012, Pixar/ Disney.

A história⁵ se passa nas Terras Altas da Escócia no período Medieval. Na narrativa Merida, uma princesa de 16 anos, filha do rei Fergus e da rainha Elinor, é irmã dos príncipes Hamish, Hubert e Harris trigêmeos mais novos, pertencentes ao Clã DunBroch.

⁵ Foi produzido pela Pixar Animation Studios (pertence a Walt Disney Pictures) no ano de 2012, dirigido por Mark Andrews, Brenda Chapman, Steve Purcell.

Figura 13-Família DunBroch



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/8e/9b/34/8e9b343f4610f68f469f305ef9d05dba.jpg> acesso em: 14 de outubro de 2018

O filme inicia-se com Merida ainda criança brincando de esconde-esconde com sua mãe, durante a comemoração de seu aniversário. Então ela vê o arco de seu pai sobre a mesa e pede para atirar uma flecha com ele. O rei, explica que ela não deve atirar com um arco tão grande e a presenteia com seu próprio arco. Ela atira, e a primeira flecha vai parar na floresta, e vai recuperá-la, até vê um rastro de Will-o-Wisps (luzes azuis flutuantes) que a levam de volta para seus pais. Elinor diz a ela que as luzes mostram o seu destino, porém, Fergus não acredita.

Logo em seguida, Mor'du um urso os ataca, Elinor e Mérida fogem, enquanto o Rei fica para trás para lutar contra o urso. Há uma pequena introdução com a voz de Merida já adolescente, mostrando paisagens do reino

Uns dizem que nosso destino está ligado a terra, que ela é parte de nós assim como nós somos dela. Outros dizem que o destino é costurado como um tecido onde a vida de um determina a de muitos outros. É a única coisa que buscamos ou que lutamos para mudar, alguns nunca encontram o destino, mas outros são levados a ele. (Fala da personagem Merida do filme Valente, 2012)

A história continua com Merida já adolescente e a rainha Elinor tentando transformá-la em uma princesa adequada, já que a garota adora montar, atirar flechas o que sua mãe julga como comportamento masculino, com isso obriga a princesa a ter diversas aulas desde etiqueta, até sobre a cultura de seu reino, música, etc., apesar da objeção de Mérida.

No entanto, a princesa explica que nos dias em que não há aulas, ela vai praticar montaria em seu cavalo Angus pelo reino, atirar flechas em alvos na floresta, e explorá-la.

O enredo do filme se desenvolve a partir da discussão entre a rainha Elinor que

acredita que sua filha já está com idade para casar, convidando príncipes de outros 3 clãs a participarem de jogos pela mão da princesa, e a filha que não acredita no casamento como o mais importante a ser realizado no momento. Entretanto, após a Rainha explicar que tal ato faria bem para o reino, a garota ainda contrariada, aceita. Com a chegada dos pretendentes, Elinor proclama que somente o primogênito dos grandes líderes pode competir nos jogos dando uma ideia a Merida de como se livrar do casamento, Merida escolhe tiro com arco para os Jogos Highland, para escolher seu futuro marido.

Quando Wee Dingwall descendente do Clã Dingwall e candidato mais improvável, acerta o alvo por acidente, ganha a competição. Merida, aparece no campo, declarando “eu sou Merida, descendente do clã DunBroch. E vou atirar por minha própria mão”.

Ignorando completamente os protestos de Elinor, rasgando seu vestido alegando ser inútil, e atingindo os alvos um a um de seus pretendentes, ela atira a última flecha no alvo de Wee Dingwall, sua flecha atravessa o alvo por completo dividindo a flecha do príncipe em duas, ela sorri e fita sua mãe furiosa.

Elas discutem novamente e Merida foge de casa montada em Angus, no caminho acaba caindo e é levada novamente pelos Will-o-Wisps até a casa de uma bruxa que se disfarça de carpinteira. Em troca de um feitiço que promete mudar a forma como Elinor pensa, Merida compra todo o estoque de peças confeccionadas pela bruxa. Ela volta ao castelo levando um bolinho enfeitado e dá para sua mãe comer, após comer a rainha se transforma em um urso.

Com isso, as duas são obrigadas a fugir do castelo em busca da cura para o feitiço, ao chegarem na casa da Bruxa, elas não a encontram, porém, a Bruxa deixa um enigma: "sina alterada, olhe sua alma, remende a união por orgulho separada". E que se não conseguirem desvendar o enigma a Rainha Elinor será urso para sempre. E ao encontrarem ruínas antigas elas percebem que pertencia ao reino da história que Elinor tinha contado para Merida. A princesa avista uma pedra rachada com três figuras antes da divisão e a quarta figura do outro lado.

Elas percebem que a maldição já aconteceu, quando o príncipe mais velho da história pediu para mudar seu destino, o que compilou para sua transformação para o urso Mor'du. Mor'du em seguida ataca, mas ela escapa com a ajuda de Elinor.

Merida passa a acreditar que a solução do enigma, se trata da tapeçaria que ela rasgou durante a briga que teve com sua mãe, elas voltam ao castelo para consertar a tapeçaria, porém o Rei Fergus vê a rainha/urso e acredita ser o urso Mor'du causando uma

enorme confusão, Fergus prende Merida no quarto e começa uma caçada ao urso, Merida consegue escapar com ajuda dos irmãos que também se transformaram em ursos após comerem do mesmo bolinho enfeitado. A princesa conserta a tapeçaria e vai ao encontro de sua mãe, chegando no local vê seu pai e os líderes cercado a rainha, ela consegue convencer a todos que o urso na verdade é sua mãe, no entanto, Mor'du aparece e a rainha defende todos do urso, travando uma briga mortal com Mor'du ela consegue esmagar o urso liberando o príncipe aprisionada da maldição e Merida salva a mãe do feitiço, que na verdade estava ligado a reconciliação de mãe e filha e não ao concerto da tapeçaria.

A Rainha resolve cancelar o casamento, pois acredita que a filha escolherá o momento certo para casar ou não. Em seguida, Merida e Elinor aparecem costurando uma tapeçaria nova, nela há um urso e uma garota. Elas são chamadas para se despedirem dos Lordes. Então vão em seus cavalos e viajam pela Escócia tornando seu vínculo mais forte do que nunca.

5.2 Contexto Histórico do filme Valente

A história de Valente permeia o período medieval nas Terras Altas da Escócia, no entanto Silva e Martini afirmam que a história não corresponde a um período e a uma sociedade verídica:

“Todavia, devemos ressaltar que essa comunidade é criada discursivamente dentro da animação, não correspondendo a qualquer sociedade fora da narrativa. A sociedade na qual a personagem foi inserida tende à repetição de normas e regulamentações através dos séculos; eles esperam um determinado comportamento de sua futura princesa, regras e normas asseguradas e reiteradas pela figura materna (SILVA; MARTINI, 2015, p.150)”

Embora não exista um contexto histórico real, há muitas referências na indumentária dos personagens e no local retratado que possibilitam a referenciação de um tempo/ espaço da animação, compreende-se que a história se passa na Escócia Medieval, pois o castelo e outras locações do filme pertencem ao país. Alguns referenciais da cultura celta também são explicitados nas lendas.

Figura 14- Clãs MacGuffin, Macintosh e Dingwall



Fonte: https://www.themoviedb.org/movie/62177brave/images/backdrops?language=pt%3Fdc_1331083930
Acesso em: 24 de outubro 2019

DunBroch, MacGuffin, Macintosh e Dingwall eram clãs rivais, mas após a tentativa de invasão dos Vikings tentando tomar seus reinos eles se uniram e nomearam Fergus como rei.

Figura 15- Rei Fergus usando Plaid



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/204562008050268311/?lp=true> acesso em: 24 de outubro de 2018

Ao representar as invasões que aconteceram no período medieval. O casamento entre herdeiros também era recorrente na Idade Média como afirma Pernoud (1978), fato que promovia a união de reinos e feudos através do casamento dos herdeiros.

[...] pois sabe-se que as uniões, na sua maioria, eram arranjadas pelas famílias. E nas famílias nobres, ou mesmo reais, essas disposições faziam de certo modo parte das obrigações de nascimento, porque um casamento entre dois herdeiros de feudos ou reinos era considerado como a melhor maneira de selar um tratado de paz, de assegurar uma amizade recíproca, e também prever no futuro frutuosas heranças. (PERNOUD,1978, p.94)

Os trajes escoceses masculinos e femininos foram referenciais para a animação, tal como o Plaid e o Kilt que segundo Boucher (2010, p.469) é um traje nacional escocês em lã grossa xadrez e nas cores dos clãs, dividido em duas partes: uma enrolada na cintura para formar o kilt, e outra usada a tiracolo, como manta enrolada.

Esse *plaid*, que só era usado dessa forma pelos homens, sendo combinado, em certas regiões da Escócia, com túnicas, coletes, calças curtas ou cumpridas, era originalmente uma roupa aristocrática, e não uma roupa popular. A disposição do xadrez específico de cada clã podia – e ainda pode ser uma forma de brasão. (BOUCHER, 2010, p. 294, grifo do autor)

De acordo com Sana (2013) na indumentária feminina da realeza, usava-se cores como carmesim (um vermelho variante do púrpura), verde e púrpura, as túnicas eram feitas normalmente de lã, linho, seda e cetim, usavam túnicas modeladas ao corpo iam do pescoço ao tornozelo, eram fechadas com broches, fitas, cintos e fivelas de ouro ou prata, cravejada de pedras preciosas.

Havia ainda uma sobreveste semelhante as do estilo bizantino que corresponde ao período que segundo Braga (2007) a cidade de Roma estava enfraquecida devido às várias invasões bárbaras e a capital do Império foi transferida para uma antiga colônia grega situada no Bósforo, chamada Bizâncio e sua capital passou a ser Constantinopla no século IV. “O apogeu da cultura bizantina ocorreu no século VI, a religião vigente era a cristã, a seda era o principal tecido utilizado somente por funcionários da corte, e os tecidos mais opulentos e suntuosos eram de uso exclusivo da família imperial” Braga (2007, p.33).

Por volta de 1130 surge o corpete do vestido – para as classes altas – era moldado justo até os quadris e os vestidos tornam-se mais acinturados presos com uma amarração nas costas, com pequenos decotes e ornamentados com jóias em ouro na cintura e saia ampla caindo até os pés, às vezes formando uma cauda. A sobreposição dos vestidos era comum, usando-se um vestido longo bem ajustado ao corpo por baixo, com mangas justas e compridas e por cima outro vestido que poderia ser um pouco mais curto com mangas longas e caídas. Barrado e bordado enfeitavam as pontas dos vestidos (SANA, 2013)⁶

Os trajes femininos no filme apresentam características do período da Idade

⁶ SANA. **A moda na era medieval – parte 1: anos 400 – 1200**. Disponível em: <<http://modahistorica.blogspot.com.br/2013/05/a-moda-na-era-medieval-parte-1-anos-400.html>> Acesso em: 13 de julho de 2017.

Média e da vestimenta celta, principalmente a veste da Rainha Elinor, conforme a figura 16 mostra a Rainha usando opalandas, que eram segundo Boucher (2010) como um grande manto, com largas mangas envasadas e gola em funil (Carcaille), usada tanto por homens, quanto por mulheres e crianças, datando de 1375 a 1425 aproximadamente, em geral em tecidos ornamentados.

Figura 16- Rainha Elinor



Fonte: http://disney.wikia.com/wiki/Queen_Elinor acesso em: 25 de outubro de 2018

Essa vestimenta segundo o autor era considerada uma roupa possivelmente originária de Upland, na Suécia, o termo é comumente empregado apenas para designar um grande manto de homem ou mulher, a personagem também fazia o uso de cintos dourados.

5.3 O papel feminino através da indumentária de Merida

Foram analisados dois vestidos que apresentam diferenças entre o figurino da personagem e as vestimentas típicas da realeza medieval retratadas no filme.

Merida era uma garota aventureira e devido às suas ocupações a personagem usava roupas mais fluidas, como ela era praticante de arco e flecha, uma atividade designada as servas da corte. Santos (2006) explica que havia uma distinção entre as vestimentas da corte e das servas e que essas podiam evidenciar a posição social da mulher, no entanto, Merida não demonstrava se importar com essa distinção.

[...] na mesma época convivem três tipos diferentes de trajes femininos e cada qual distingue a função social de quem os veste. A vestimenta pode evidenciar a posição social da mulher através do tipo de corte e da quantidade de tecido utilizado, principalmente nas mangas. [...] a figura da serva que deve ser jovem por ter cabelos soltos, apresenta-se vestindo uma túnica cujas mangas são amplas e lhe permitem manejar o arco e flecha com determinação. [...] as damas de companhia trajando vestes mais justas e ajustadas ao corpo do vestido e nas mangas. Nota-se que a nobre dama a direita do plano tem a vestimenta de um vermelho vivo e mais fartura de

tecido, sobressaindo as mangas volumosa e a calda alongada, que a impede de praticar atividades que exigem desenvoltura (SANTOS, 2006, p. 95)

A indumentária de Merida, se encaixa no perfil de uma serva ou plebeia, o fato de precisar de uma roupa que proporcionasse um maior conforto, pois a jovem praticava hipismo e escalada, confirmam isso. Essas atividades eram direcionadas as servas e aos homens, por esse motivo eram completamente desprezadas por sua mãe e em contrapartida admirada por seu pai, este aparentemente também não se incomodava com as atividades que a filha praticava e não com os interesses impostos por sua esposa e socialmente recomendáveis para uma princesa.

Figura 17- Os vestidos de Merida



Fonte: <https://www.eonline.com/br/news/675446/princesa-merida-aparecera-na-serie-once-upon-a-time> acesso em: 24 de outubro 2018

A figura do lado esquerdo apresenta as vestes que ela usa no cotidiano, um vestido de cor azul marinho, destoando do padrão da realeza, que usava tons como a cor púrpura, que para Heller (2013) era feita de vários tipos de caramujos. A preparação de uma vestimenta púrpura durava anos, era tecida pelos melhores tecelões de seda do mundo. Por consequência, seu valor era extremamente elevado, além de ser uma cor que indicava soberania. Usavam ainda a cor verde que para a autora sua simbologia depende da cultura, pois culturas diferentes têm diferentes modos de vida.

O verde pode significar esperança, imaturidade, fertilidade, saúde, natureza, entre outros significados. O comprimento do vestido ia até o tornozelo permitindo uma maior flexibilidade, em seu interior possuía uma espécie de forro bege presente nas mangas na parte dos cotovelos e no decote, dando mais mobilidade e ergonomia para seus movimentos.

Ela utiliza sapatos marrons e uma capa. Possui ainda um porta flechas que fica alojado em sua cintura, para Merida tinha apenas a funcionalidade de guardar suas flechas, porém, para a sociedade ocidental por muito tempo a cintura foi ligada a fertilidade para a maioria das mulheres.

O segundo vestido, figura lado direito, tem cor azul claro que segundo Heller (2013, pág. 61) “O azul é plácido, passivo, introvertido; no simbolismo ele pertence à água, que também é um atributo feminino”. Nas tradições antigas e aparentemente no filme, simbolizava feminilidade. O vestido cobria seus pés completamente, possuía um espartilho, com detalhes dourados na gola do vestido, mangas, um cinto que vai da cintura até a barra da saia, e bordados na barra do vestido. Há ainda uma touca que cobre completamente seus cabelos e uma tiara dourada que lembra a usada pela rainha Elinor.

Esse vestido é usado quando vai conhecer os filhos dos Lordes e pode-se perceber a influência do estilo de sua mãe no modelo do vestido, e não o de Merida, pois embora sua mãe expressasse extrema autoridade, transparecendo por vezes ser ela a verdadeira governante do Clã e não o rei Fergus, a rainha era uma figura típica dos estereótipos de feminilidade, ou seja, acreditava que por ser mulher, Merida deveria ser feminina e usar vestes que condissessem com seu posto de princesa, demonstrando a imposição social e de gênero que existia na vestimenta feminina medieval da realeza.

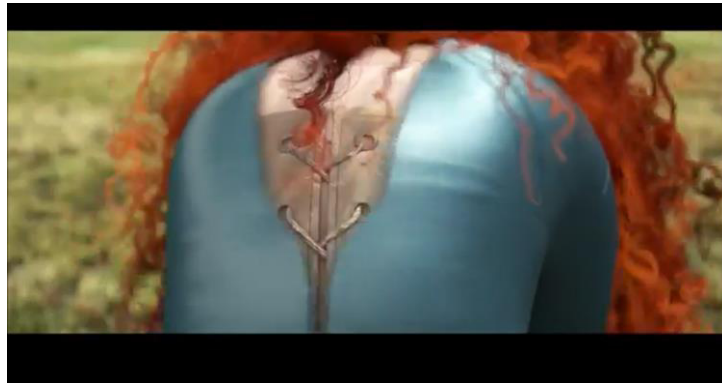
Diante de todos os temores relativos à mulher, de que seu comportamento inadequado não causasse maiores prejuízos sociais, vista como um ser vulnerável ao pecado, ela era concebida como um indivíduo passível de dominação. Desde criança a mulher era controlada por um homem. Do pai ao marido e aos filhos, houve sempre uma figura rígida que pautou suas manifestações e o desenvolvimento da feminilidade, tentando anular suas ações (JUNIOR; GOMES; STEPHANI, 2011, p.104)

No filme quem assume esse papel de dominação é sua mãe a rainha Elinor. Entretanto, Merida desafiando a todos resolve protestar contra seu casamento arranjado para unir os clãs, fato comum durante a Idade Média e representado na animação.

A importância do matrimônio estava atrelada à conservação de poderes e propriedades entre as famílias envolvidas, principalmente entre as camadas sociais mais elevadas, em que os pais e/ou parentes combinavam o futuro das meninas desde quando eram crianças. As táticas conjugais organizavam e sustentavam as relações sociais. O casamento era, antes de tudo, um pacto entre famílias, e, nesse ato, a mulher era, ao mesmo tempo, doada e recebida como um ser passivo (JUNIOR; GOMES; STEPHANI, 2011, p.104)

Ela planeja atirar sua flecha, e participar da disputa do Lordes, mas não consegue se mover direito, pois seu vestido é improprio para a atividade e muito apertado.

Figura 18 – Momento em que Merida rasga o vestido



Fonte: printscreen,Valente, 2012: 30 de novembro de 2019

Como mostra a figura 18, para conseguir ter movimentos adequados de uma arqueira a jovem rasga o vestido, justificando seu ato à inutilidade da peça, que a impedia de se movimentar e alcançar o alvo para vencer a disputa, ganhou desta maneira mais mobilidade, chocando a todos do reino pois não era comum uma princesa/mulher ter tais atitudes.

Figura 19 - Merida prestes a lançar sua flecha



Fonte: https://www.huffpost.com/entry/parents-guide-to-brave_b_1603208 acesso: 28 de novembro de 2019

Após os conflitos entre as duas terem seu desfecho, Elinor aparece junto a filha cavalgando, comprovando que sua forma pensar sobre as atitudes dignas de uma princesa haviam mudado. Ambas vestem vestidos na cor azul num tom mais escuro, e Elinor não demonstra mais através da cor de suas vestimentas que pertencia a nobreza, mas que agora estava preocupada também com a funcionalidade de suas vestimentas e também através de atitudes.

6 CONCLUSÃO

Os contos de fadas trazem em suas histórias muitas questões relacionadas ao comportamento considerado adequado ou não para o meio feminino, com isso, desde pequenas as meninas foram ensinadas a serem como as princesas dos contos de fadas, e com a invenção da tecnologia as histórias foram adaptadas pelos Estúdios Walt Disney, este tornou-se um meio propagador do inconsciente coletivo e que por muito tempo era considerado o certo a ser seguido.

O meio feminino nas primeiras adaptações da Disney era representado com características dóceis, de bondade e recato, entre outros aspectos de submissão, as mocinhas dos filmes deveriam encontrar seu “Felizes para sempre” com o príncipe encantado e só assim poderiam ser mulheres realizadas. No entanto, com o ganho de consciência das mulheres sobre essas desigualdades, mas principalmente com as conquistas advindas do feminismo, aos poucos os estereótipos de feminilidade foram modificados, de forma que os filmes dos Estúdios da Walt Disney passaram a representar as mulheres de uma maneira mais condizente com a realidade.

Pôde-se notar uma evolução em relação as primeiras animações que datam do início do século XX e as do início do séc. XXI onde primeiramente as personagens passaram a ter mais autonomia e interesses que iam além dos cuidados com lar, depois sendo incluídas no mercado de trabalho, porém continuaram tendo seu final feliz ligado a encontrar o seu príncipe encantado.

Somente no ano de 2012 o filme *Valente* superou esse estigma, Merida era uma princesa aventureira que era reprimida pela mãe uma rainha que estava muito preocupada que a educação de sua filha seguisse os costumes do período da Idade Média, como o casamento arranjado. O filme mostra o processo de mudança das duas: Rainha e princesa tentando entender qual o real papel que as mulheres podem ter na sociedade e na reconciliação entre ambas.

Observei a partir desse estudo que a indumentária da personagem Merida está muito ligada a utilidade, passando através da sua vestimenta os valores que ela acredita serem relevantes e não só os ligados a estética como é o caso do de sua mãe.

A partir das pesquisas realizadas neste trabalho, acredito que futuras pesquisas sobre os *live-actions* seriam de grande valia, visto que estes, retratam as princesas de uma forma mais realista e muitas das adaptações consertam alguns erros de representatividade, a exemplo dos filmes *Cinderela*, *A Bela e a Fera* e *Aladdin*.

Há ainda a possibilidade de serem realizados estudos sobre as novas princesas dos estúdios Walt Disney e sobre os figurinos dessas princesas, Ana e Elsa de Frozen, Moana, Helena de Avalor e analisar o contraste entre os filmes que antecedem e os que sucedem o filme Valente. Em Frozen, por exemplo, Ana é uma típica princesa clássica enquanto Elsa é uma princesa contemporânea e o conto retrata bem esses contrastes.

E poderá ser pesquisado como as meninas de hoje enxergam as questões sobre gênero e representatividade das princesas contemporâneas.

Outro desdobramento desse trabalho é pensar as relações de gênero, observando como isso se dá também no âmbito do masculino, ou seja, como os garotos absorvem essas mudanças que aconteceram nos papéis sociais, e como estas chegam a suas indumentárias.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maira Araújo de Paula. **A Realeza Disney: Um Estudo Histórico-Social das Princesas da Disney até o filme “A Bela e a Fera” Versão 1991.** Maira Araújo de Paula Barbosa. 2016. 63p. il. Color. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Design-Moda).
- BLANCO, Diego. **Princesas Disney e o feminismo- final** S.i. 19 de setembro de 2012. Elaborada por: Revista Fórum. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2012/09/19/princesas-disney-e-o-feminismo-final/>>. Acesso em: 15 de julho de 2017.
- BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BRAGA, João. **História da moda, uma narrativa.** São Paulo. Editora Anhembi Morumbi, 2007.
- BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney.** Rio de Janeiro, 2013. Monografia de Graduação em Jornalismo. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <[//literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/feminismo-e-prc3adncipes-encantados-a-representac3a7c3a3o-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf](http://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/feminismo-e-prc3adncipes-encantados-a-representac3a7c3a3o-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf)>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.
- CANDIDO, Maria Regina [org.] **Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens.** Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora- DG Ltda, 2012. 368 p.
- CORSO, Diana. **Fadas do divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DINIZ, Mariana. **Para a história das mulheres na Pré-História: em torno de alguns atributos do discurso.** 2006. Universidade do Algarve, FCHS. disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.1/71362>> acesso em: 01 de novembro de 2019
- FILHO, Mário; NEVES, Nadja; FILHO, Renilto. **Mulher na Antiguidade Clássica: sua importância nas esferas jurídico-social das Cidades-Estado de Atenas e Esparta.** Disponível em: <http://www.redireito.org/wp-content/uploads/2013/05/4Artigo_IENPC_OLIVEIRAFILHO.pdf> Acesso em: 20 de outubro 2019
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo.** Ed. Claridade; São Paulo, 2011. 120 p.: il. - (Saber de tudo).
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8ª ed. Ed. Record; Rio de Janeiro, 2004.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão.** [tradução Maria Lúcia Lopes da Silva]. 1ª ed. São Paulo, Gustavo Gili, 2013.

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2012. 9. ed. (C.G. JUNG coleção completa 9/1)

JUNIOR, Edmundo de Paula Gomes; GOMES, Alessandra Muniz; STEPHANI, Loren Cristina. **A dominação das mulheres na França medieval nos séculos XIV e XV: um legado as suas contemporâneas brasileiras**. CES Revista. v. 25. Juiz de Fora. 2011. Disponível em: <https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2011/06_HISTORIA_ADominacao.pdf> Acesso em: 20 de novembro 2019

KAUFMAN, Ana María & RODRÍGUEZ, María Elena. **Escola, leitura e Produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Maria de Andrade. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**, 5ª ed. Atlas 2003.

LION, Brigitte; MICHEL, Cécile. **As mulheres em sua família: Mesopotâmia, 2º milênio a.C.** Tempo, vol. 10, núm. 19, dezembro, 2005, Universidade Federal Fluminense Niterói, Brasil. pp. 1-25. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1670/167013390010.pdf>> Acesso em: 04 de novembro de 2019.

SANTOS, Georgia M. de Castro. **A roupa, a moda e a mulher na Europa Ocidental Medieval: reflexo da opressão sofrida pela mulher na Idade Média (século: XI-XV)**. 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em Artes)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MARTINS, Ana Paula Antunes. **O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade**. Revista café com sociologia. Vol.4, Nº1. Jan. - abr. 2015. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443/pdf_1> acesso em: 12 de novembro de 2019.

MARQUES, Ângela. **Mulan- a ruptura de estereótipos e a polissemia feminina. S.i 18 de fevereiro de 2014. Elaborada por: Encena**. Disponível em: <<http://encenasaudemental.net/personagens/mulan-a-ruptura-de-estereotipos-e-a-polissemia-feminina/>>. Acesso em: 14 de julho de 2017

PERNOUD. Régine. **O Mito da Idade Média**. Europa- América, S.d. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/franciscodeassisPOA/regine-pernoudomitodaidademedi>> Acesso em: 14 de maio de 2017.

QUEIROZ, Maria Helena Tuanne. **Era uma vez...A construção do perfil feminino nos filmes da Disney no Século XX e XXI [vinte e vinte e um]**. 2016. 71p. il. Color. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Disponível em: <[dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/11756](https://space.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/11756)> Acesso em 12 de maio 2017.

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves & MARTINI, Viviane. **“Você é uma princesa, e eu espero que você aja como tal!”: Gênero, Corpo e espaço em Brave**. Veredas da História, [online], v.8, n.1, 2015, p. 140-155, ISSN 1982-4238. Disponível em: <<http://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs-2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/view/166/157>> Acesso em: 14 de julho de 17.

SOUZA, Gilda de Melo e. **O Espírito das Roupas: a moda no século dezenove**. Companhia

das Letras. 5ª reimpressão. São Paulo,1987.

VALENTE. “**Brave**”. Direção de Brenda Chapman e Mark Andrews. Produção de Walt Disney Pictures, Pixar Animation Studios. Roteiro: Brenda Chapman, Irene Mecch. Música: Patrick Doyle. S.i: Walt Disney Pictures, 2012. (93min) Cor.

ZAMBONI, Isabela: **Valente**: Saiba mais sobre o novo filme da Disney. S.i. 07 de agosto de 2012. Elaborada por: Alto Astral. Disponível em: < <https://www.altoastral.com.br/valente-saiba-mais-sobre-o-novo-filme-da-disney/> > Acesso em: 16 de maio de 2017.